

A MÃO INVISÍVEL: PROVIDÊNCIA DIVINA E A SUPERAÇÃO DE DESAFIOS NO PRIMEIRO BATISMO ADVENTISTA DO NORDESTE DO BRASIL (1904-1907)

TIAGO SANTOS PEREIRA¹

Resumo: Em 2 de outubro de 1907, cinco pessoas foram batizadas num riacho próximo a Santo Antônio de Jesus, na Bahia, constituindo o primeiro batismo da Igreja Adventista do Sétimo Dia realizado no Nordeste do Brasil. O episódio é tradicionalmente compreendido, na historiografia denominacional, como evidência de ação providencial direta: o barbeiro Antônio Leôncio da Penha teria chegado à convicção sabatista de forma autônoma, por meio da leitura direta do texto bíblico, anos antes de qualquer contato com um representante ordenado da denominação. Este artigo reconstrói, a partir de fontes primárias produzidas pelos protagonistas – os pastores Frederico W. Spies e João R. B. Lipke –, publicadas em periódicos como *Review and Herald*, *Revista Trimensal* (atual *Revista Adventista*) e *O Arauto da Verdade*, a cronologia entre a conversão relatada de Penha (1904) e o batismo formal (1907). Argumenta-se que o contexto institucional da recém-criada Missão Norte Brasileira – um único pastor ordenado para dezesseis estados, taxa de analfabetismo superior a 75%, distâncias logísticas de mais de mil quilômetros e recursos financeiros escassos – torna ainda mais notável a extensão alcançada pela obra adventista na região, evidenciando, tal como registrado pelas próprias fontes, a superação de limites humanos pela providência divina. O caso é lido como exemplo de um padrão mais amplo, identificado pelo autor em pesquisa sobre a expansão adventista em outros estados do Nordeste, no qual a insuficiência de meios humanos é sistematicamente superada por vias providenciais.

101

¹ Mestre em Teologia Sistemática pelo Newbold College of Higher Education, em parceria de validação acadêmica com a University of Wales Trinity Saint David, Reino Unido (2025). E-mail: tpereira@adventist.nl. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3858-3202>.

Palavras-chave: Adventismo do Sétimo Dia. Protestantismo no Brasil. Missão Norte Brasileira. Bahia. Providência divina. Historiografia confessional. Colportagem.

THE INVISIBLE HAND: DIVINE PROVIDENCE AND THE OVERCOMING OF IMPOSSIBILITY IN THE FIRST SEVENTH-DAY ADVENTIST BAPTISM IN NORTHEAST BRAZIL (1904–1907)

Abstract: On October 2, 1907, five people were baptized in a stream near Santo Antônio de Jesus, Bahia, marking the first Seventh-day Adventist baptism recorded in Northeast Brazil. The episode is traditionally understood, within denominational historiography, as evidence of direct providential action: the barber Antônio Leôncio da Penha reportedly reached Sabbatarian conviction on his own, through direct reading of Scripture, years before any contact with an ordained representative of the denomination. Drawing on primary sources produced by the protagonists themselves – Pastors Frederico W. Spies and João R. B. Lipke – published in periodicals such as *Review and Herald*, *Revista Trimensal/Revista Adventista*, and *O Arauto da Verdade*, this article reconstructs the chronology between Penha's reported conversion (1904) and the formal baptism (1907). It argues that the institutional context of the newly created North Brazil Mission – a single ordained pastor for sixteen states, an illiteracy rate above 75%, logistical distances exceeding a thousand kilometers, and scarce financial resources – makes the extent of Adventist growth in the region all the more remarkable, evidencing, as the sources themselves record, the overcoming of human limits through divine providence. The case is read as an instance of a broader pattern identified by the author through research on Adventist expansion in other northeastern states, in which the insufficiency of human means is repeatedly overcome through providential means.

102

Keywords: Seventh-day Adventism. Protestantism in Brazil. North Brazil Mission. Bahia. Divine providence. Confessional historiography. Literature evangelism.

1. Introdução

A expansão do protestantismo de missão no Brasil da Primeira República seguiu, em geral, um padrão relativamente previsível: obreiros estrangeiros ou nacionais, vinculados a uma estrutura eclesial já estabelecida, deslocavam-se para regiões-alvo, ali fundavam congregações e, a partir delas, irradiavam a presença denominacional. O caso examinado neste artigo interessa à historiografia religiosa brasileira justamente por não se enquadrar nesse padrão. Segundo o relato produzido pelo próprio missionário responsável pela região, Antônio Leôncio da Penha, barbeiro residente em Santo Antônio de Jesus, no recôncavo baiano, teria chegado à convicção sabatista de forma independente, por meio da leitura direta do texto bíblico, dois a três anos antes de qualquer contato com um representante ordenado da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

O objetivo deste artigo é duplo. Em primeiro lugar, reconstruir com o maior rigor cronológico possível a sequência de eventos que liga a conversão relatada de Penha (situada por volta de 1904) ao primeiro batismo adventista formalmente registrado no Nordeste brasileiro, em 2 de outubro de 1907 – evento que completa 120 anos em 2027. Em segundo lugar, evidenciar, à luz do contexto institucional da Missão Norte Brasileira – criada em 1906 e responsável, num primeiro momento, por dezesseis estados sob os cuidados de um único

pastor ordenado –, como a magnitude dos obstáculos materiais enfrentados pela obra adventista naquele período torna tanto mais notável o resultado alcançado. A tese central é que o intervalo de aproximadamente três anos entre a conversão relatada e o batismo formal, longe de sugerir desinteresse institucional, evidencia a desproporção entre os meios humanos disponíveis – praticamente inexistentes – e o alcance obtido: desproporção que os próprios protagonistas, e a historiografia subsequente, atribuíram à ação providencial direta.

As fontes utilizadas são majoritariamente primárias e de autoria do próprio Frederico (Frederick) W. Spies, presidente da Missão Norte Brasileira entre 1906 e 1910, publicadas em periódicos institucionais como a *Review and Herald* (Estados Unidos), a *Revista Trimensal* – posteriormente *Revista Adventista* – e *O Arauto da Verdade*. A esses relatos soma-se o discurso do pastor João (John) R. B. Lipk (1913, p. 215-216) e, proferido perante a liderança da Associação Geral em 1913. Trata-se, em todos os casos, de relatos de primeira mão de protagonistas diretamente envolvidos no episódio – o que lhes confere, no gênero da historiografia confessional, valor testemunhal particular quanto à leitura providencial dos eventos, desenvolvida na seção 7.

Cabe registrar, por fim, que o episódio aqui examinado não é isolado. Pesquisa em andamento do autor sobre a expansão adventista em outros estados do Nordeste brasileiro no mesmo período tem identificado um padrão semelhante – descoberta bíblica autônoma seguida de provisão providencial de contato institucional –, o que confere a este caso valor paradigmático para a compreensão do fenômeno em escala regional. Optou-se, no entanto, por manter aqui o escopo estritamente circunscrito ao caso de Santo Antônio de Jesus, remetendo o tratamento comparativo sistemático a trabalho futuro.

2. O Adventismo no Brasil e a Criação da Missão Norte Brasileira (1894-1906)

A presença adventista organizada no Brasil remonta a 1894, quando o pastor Francisco Westphal realizou os primeiros batismos e organizou as primeiras igrejas e grupos da denominação no país, principalmente entre núcleos de imigração alemã no Sul (Westphal, 1901, p. 852).

Doze anos depois, entre 15 e 25 de março de 1906, reuniu-se na cidade de Paraná, província de Entre Rios, na Argentina, uma conferência que reorganizou toda a estrutura administrativa da Igreja na América do Sul, criando novos campos regionais para melhor sustentar o crescimento da obra (Westphal, 1906, p. 14; Rogers, 1907, p. 14-16). Dessa reorganização nasceu a Missão Norte Brasileira, com jurisdição sobre o Rio de Janeiro, o Espírito Santo, Minas Gerais e a totalidade das regiões Norte e Nordeste do país – mais de dois terços do território nacional. À frente desse campo foi colocado o pastor Frederico W. Spies, que se tornaria, na prática, o único ministro ordenado responsável por essa vasta extensão.

Entre 25 e 26 de maio de 1906, reunido em sua própria residência com José (Joseph) W. Westphal, recém-eleito presidente da nova União Sul-Americana, e Guilherme (William) A. Spicer, secretário do Comitê Executivo da Associação Geral em visita ao continente, Spies (1906, p. 4) discutiu as estratégias possíveis para o avanço da obra na região sob sua responsabilidade. A conclusão do encontro foi que, dada a concentração populacional nas cidades litorâneas, a estratégia mais viável seria “achar obreiros e meios através dos quais poderiam estabelecer a obra em pontos estratégicos ao longo da costa” (Spies, 1906, p. 4).

A opção estratégica resultante privilegiou a colportagem – a venda porta a porta de literatura religiosa – como método de baixo custo para gerar interesse em regiões sem presença

institucional prévia, deixando a instrução doutrinária mais aprofundada e o batismo para visitas posteriores do único pastor disponível.

Essa estratégia enfrentava, contudo, um obstáculo estrutural considerável: o Brasil do início do século 20 apresentava taxa de analfabetismo superior a 75%, proporção que se repetia, em boa medida, entre os próprios membros da denominação – tornando escasso o número de pessoas aptas a exercer a colportagem, atividade que exigia leitura fluente e domínio de cálculo básico (Lipke, 1907a, p. 29; 1907b, p. 14).² A isso somava-se a distância entre a tipografia da denominação, instalada no Rio Grande do Sul, e a redação editorial, sediada em Rio Claro (SP) – mais de mil quilômetros –, o que limitava a produção a apenas dois periódicos: *O Arauto da Verdade*, de periodicidade mensal, e a *Revista Trimensal*, lançada em janeiro de 1906 com tiragem trimestral (Spies, 1907, p. 2).

É precisamente nesse quadro de precariedade material que se torna evidente a magnitude do que a narrativa a seguir documenta. Onde os meios humanos e institucionais eram manifestamente insuficientes, o avanço da obra no Nordeste obviamente não pode ser atribuído a planejamento ou investimento denominacional, praticamente inexistentes na região até 1907. A explicação que resta, e que os próprios protagonistas registraram, é de ordem providencial.

3. Uma Conversão Providencial: Antônio Leôncio da Penha (1904-1906)

Santo Antônio de Jesus é um município do recôncavo baiano, situado a cerca de 187 quilômetros de Salvador e, no início do século 20 apresentava comércio local em expansão (Santo Antônio de Jesus, s.d.).

Entre seus moradores encontrava-se Antônio Leôncio da Penha, barbeiro de profissão, à época com pouco menos de 40 anos. Segundo o relato de Spies, dois ou três anos antes do batismo de 1907 – portanto, aproximadamente em 1904 –, Penha teria lido, ao acaso, o capítulo 20 do livro de Êxodo durante uma visita a um conhecido, deparando-se com o mandamento do sábado e questionando-se sobre a discrepância entre o texto bíblico e a prática dominical corrente. Pouco depois, adquiriu sua própria Bíblia de um colportor que passava pela cidade, o que lhe permitiu confirmar a leitura inicial (Spies, 1916, p. 20).

Buscando esclarecimento, Penha procurou a Primeira Igreja Batista de Jequié, a cerca de 180 quilômetros de distância – a única comunidade evangélica de que tinha notícia na região.³ A resposta obtida, no entanto, foi de sentido oposto ao esperado: os batistas locais sustentaram que o sábado havia sido substituído pelo domingo em razão da ressurreição de Cristo, remetendo-o à leitura de 1 Coríntios 15. Ironicamente, o versículo 56 desse mesmo capítulo – que associa o pecado à transgressão da lei – teria produzido em Penha o efeito contrário ao pretendido, reforçando sua convicção quanto à validade permanente do quarto mandamento.

Segundo a cronologia proposta por Spies (1908, p. 155-156), foi em junho de 1904 – cerca de dez anos após a chegada do adventismo ao Brasil – que Penha tomou a decisão de guardar o sábado, sem qualquer contato prévio com a denominação ou com outro guardador do sábado que não fosse, em sua própria percepção, a comunidade judaica.

² Para uma estimativa quantitativa, ver Ferraro (2002, p. 21-47), que situa o analfabetismo nacional em 82,6% no censo de 1890 e 71,2% no de 1920 (população acima de 5 anos), permitindo estimar taxa próxima a 75% em 1906.

³ A congregação foi fundada em 8 de dezembro de 1901, conforme registrado no projeto de lei 016/2022, da Câmara Municipal de Jequié.

É importante registrar que a experiência de Antônio Leôncio da Penha não constitui caso isolado na história da expansão adventista: a descoberta bíblica autônoma do sábado, por leigos sem qualquer contato missionário prévio, repete-se em diferentes contextos e regiões – inclusive, como indica pesquisa do autor, em outros estados do Nordeste brasileiro no mesmo período histórico. Mais do que um simples topos retórico da literatura missionária, tal recorrência sugere um padrão histórico documentável: o de que a expansão da mensagem adventista no Brasil, em suas fases iniciais, esteve reiteradamente associada a episódios de iniciativa individual antecedendo – e, em certo sentido, preparando – a resposta institucional, num arranjo que os próprios protagonistas compreenderam como providencial.

4. Redes de Contato: Imprensa, Colportagem e a Identificação da Denominação (1905-1906)

Ao longo de 1905, Penha passou a publicar artigos em jornais locais defendendo a guarda do sábado, o que reacendeu o debate com o mesmo grupo batista de Jequié – a ponto de gerarem-se, por algum tempo, reuniões noturnas de estudo bíblico que levaram parte dos participantes a adotar temporariamente a prática sabatista (Spies, 1908c, p. 16; 1908b, p. 6). O episódio, contudo, foi revertido pouco depois: a chegada de líderes denominacionais vindos da capital foi suficiente para que a maior parte dos que haviam aderido recuasse da decisão – um dado relevante, pois evidencia a fragilidade de adesões religiosas sustentadas apenas por iniciativa leiga, sem retaguarda institucional.

No primeiro semestre de 1906, Penha passou a pregar semanalmente na feira semanal realizada na Praça Padre Mateus, centro comercial de Santo Antônio de Jesus. Foi nesse contexto – em data que as próprias fontes de Spies situam, com alguma incerteza, em agosto de 1906 – que ocorreu o contato decisivo para a identificação da denominação adventista.

Segundo o relato reproduzido por Lipke em 1913, Penha foi abordado, durante a feira, por um tipógrafo de um dos jornais da cidade que, em viagem anterior ao Rio de Janeiro, trocara um exemplar de jornal por um número de *O Arauto da Verdade*, oferecido por um jovem naquela cidade. Reconhecendo no periódico ensinamentos sabatistas, o tipógrafo relacionou-o ao discurso público de Penha e o levou até sua residência, onde lhe entregou o exemplar com o endereço da redação (Lipke, 1913, p. 216). Uma versão posterior, de autoria de Arnaldo Christianini (1975), acrescenta a informação – ausente no relato original de Spies – de que o tipógrafo seria membro da própria Igreja Batista, o que explicaria seu interesse espontâneo pela publicação.

O Arauto da Verdade, primeira publicação adventista exclusivamente em língua portuguesa, circulava desde julho de 1900 a partir do Rio de Janeiro. Foi por meio dele que Penha localizou, pela primeira vez, o nome formal da denominação – os “Adventistas do 7º Dia” – e o endereço para contato, dando início à correspondência que o vincularia à Missão Norte Brasileira.

5. Epistolografia Missionária e os Limites Institucionais da Missão Norte Brasileira (1906-1907)

É plausível situar em setembro de 1906 a chegada da primeira carta de Penha ao escritório de Spies, no Rio de Janeiro – datação inferida a partir de dois elementos: a menção do próprio missionário, na edição da *Review* de 20 de dezembro daquele ano, ao recebimento de convites vindos da Bahia e o fato de a *Revista Trimensal*, de periodicidade trimestral, só ter

veiculado o anúncio correspondente na edição de janeiro de 1907 (Spies, 1906, p. 17; 1907a, p. 2).

A resposta de Spies foi, num primeiro momento, exclusivamente epistolar: envio de cartas, revistas e folhetos, sem possibilidade imediata de visita pessoal. A razão dessa impossibilidade não era falta de disposição, mas sobrecarga estrutural. Spicer (1907a, p. 5) registrou, em relatório à Associação Geral, que Spies era, à época, “o único ministro entre sete milhões de almas” sob sua jurisdição.

Em 1º de abril de 1907, um pedreiro de 33 anos, Camilo José Pereira, batizado cerca de um ano e meio antes, deixou sua atividade profissional para se juntar a Spies como segundo obreiro da Missão – elevando, assim, a equipe de trabalho de campo para toda a região a exatamente duas pessoas (Spies, 1907d, p. 19; 1914, p. 46). O próprio Spies (1907d, p. 19) celebrou o reforço em tom que revela, por contraste, a magnitude da carência institucional da época:

Estamos felizes, e cremos que todos os nossos irmãos ficarão também alegres ao saber que a nossa força de trabalho nesta vasta Missão foi aumentada para dois. Desde sua organização, há um ano atrás, eu tenho sido o único obreiro no campo, gastando metade do tempo no Rio, e a outra metade assistindo a interessados [em outros lugares]. Agora, posso ao menos ter a certeza de que enquanto estiver distante, haverá outro que possa me assistir aqui. [...] Sentimo-nos desta forma encorajados; pois a obra está avançando.

Ao longo do primeiro semestre de 1907, novas cartas de Penha relataram a adesão de outras quatro pessoas à observância sabatista – duas irmãs e dois amigos –, elevando a pressão sobre Spies para que a visita, repetidamente adiada, finalmente ocorresse. Por volta de julho, o próprio missionário concluiu que um novo adiamento arriscaria dissipar o interesse já formado.

6. A Viagem de Frederico Spies e o Primeiro Batismo, em 2 de Outubro de 1907

Spies partiu do porto do Rio de Janeiro em 16 de setembro de 1907, chegando a Salvador após três dias de viagem marítima, em 19 de setembro (Spies, 1908a, p. 4).

Um atraso de dois dias na conexão ferroviária para o interior levou-o a permanecer em Salvador, onde visitou o pastor batista norte-americano Zacarias Clay Taylor, da Primeira Igreja Batista da Bahia – encontro cordial em que Taylor estimou em cerca de 250 mil o número de habitantes da capital baiana ainda sem contato evangélico direto (Spies, 1907d, p. 15).

Em relato publicado meses depois, o próprio Spies (1908a, p. 4) registra a sua percepção da situação e revela a intensidade da carga pastoral sob a qual atuava o único obreiro disponível:

Quem entre aqueles milhares de habitantes saberia que ao declinar o sol aquela tarde, o sábado do Senhor raiava sobre aquela cidade? Conheceria alguém ali as exigências do Quarto Mandamento? Existiria alguém em toda aquela cidade que soubesse que a vinda do Senhor está próxima, às portas [...]? Parecia que ninguém ali tinha sequer ideia disso [...]. Essa multidão de 250 mil almas se mostrava como um rebanho sem pastor. [...] Mas o que poderia ser feito em favor da Bahia?

É notável que essa súplica, feita em Salvador, tenha ocorrido às vésperas do encontro com aquele pequeno grupo de sabatistas que já aguardava, havia mais de um ano, a chegada de

um pastor ordenado. A convergência entre a angústia do missionário e a resposta que já se preparava – padrão que se repetiria em episódios posteriores, em outras regiões do mesmo campo sob sua responsabilidade – é lida, tanto pelas fontes quanto por esta pesquisa, como expressão concreta de providência divina antecedendo e preparando o trabalho missionário formal, dentro do tipo de pioneirismo característico do adventismo do início do século 20 na América do Sul.

Chegando a Santo Antônio de Jesus, Spies foi recebido por Penha e passou aproximadamente duas semanas ministrando instrução bíblica diária a cinco candidatos ao batismo: o próprio Penha, duas de suas irmãs e dois amigos (Spies, 1908b, p. 6). O relato do missionário registra que uma das irmãs teve dificuldade em abandonar o uso de joias – detalhe que, no gênero da literatura de conversão, já existente no período, funcionava tipicamente como marcador de autenticidade da experiência religiosa, associando renúncia material feminina a prova de sinceridade espiritual, convenção retórica presente em relatos de conversão protestante muito além do contexto adventista.

Em 2 de outubro de 1907, uma quarta-feira, os cinco candidatos foram batizados por imersão num riacho próximo à cidade, perante um pequeno grupo de curiosos e conhecidos.⁴ Dias depois, Spies (1908c, p. 16) anunciaria o evento na revista, referindo-se àqueles batizados como “os primeiros frutos deste campo”.

Antes de deixar a cidade no dia seguinte, Spies organizou uma unidade rudimentar de Escola Sabatina, orientando o pequeno grupo a se reunir regularmente aos sábados para acompanhamento das lições publicadas na própria revista – solução que buscava suprir, por meio impresso, a ausência prolongada de acompanhamento pastoral direto, dada a distância e a escassez de obreiros já descritas.

7. Providência e a Superação da Impossibilidade Material

107

A reconstrução apresentada nas seções anteriores permite reunir, num único quadro, a desproporção entre os meios institucionais disponíveis à Missão Norte Brasileira e o resultado alcançado em Santo Antônio de Jesus: um único pastor ordenado para dezesseis estados e mais de sete milhões de habitantes; taxa de analfabetismo superior a 75%, inclusive entre os próprios membros da denominação; distância superior a mil quilômetros entre a redação editorial e a tipografia da igreja; produção limitada a dois periódicos, um deles de circulação apenas trimestral; e um orçamento tão restrito que a chegada de um segundo obreiro de campo, em abril de 1907, foi celebrada como duplicação da força de trabalho disponível – de um para dois.

Nenhum desses fatores, isoladamente ou em conjunto, explica de modo suficiente como a mensagem sabatista chegou a Santo Antônio de Jesus – a mais de 700 quilômetros da congregação adventista mais próxima então existente no país⁵ – sem qualquer intervenção institucional direta. A explicação oferecida pelas fontes é explícita e reiterada: a mensagem adventista penetrou no Nordeste “sem auxílio de nenhum agente humano”, nas palavras do próprio Spies (1908b, p. 6), formulação que a primeira história abrangente da denominação, de autoria de M. E. Olsen (1926, p. 574), reproduziria quase sem alteração cerca de vinte anos depois. A permanência dessa mesma leitura ao longo de décadas, por autores distintos e em momentos distintos da historiografia denominacional, não deve ser lida como mera convenção

⁴ Marcos 16:16, texto lido por Spies aos presentes antes da cerimônia; cf. Spies (1908b, p. 6).

⁵ A congregação mais ao norte então existente localizava-se em Teófilo Otoni, no vale do Mucuri, nordeste de Minas Gerais (cf. Spies, 1907c, p. 16).

retórica de um gênero literário, mas como testemunho consistente de como os próprios agentes históricos, e a tradição que os sucedeu, compreenderam o significado deste episódio.

Essa leitura providencial ganha ainda mais força quando se observa que o padrão não é exclusivo de Santo Antônio de Jesus. Pesquisa em desenvolvimento pelo autor sobre a expansão adventista em outros estados do Nordeste brasileiro no mesmo período identificou episódios estruturalmente semelhantes: leigos que, isolados de qualquer estrutura eclesial, chegam por conta própria à convicção sabatista e, por vias aparentemente fortuitas – a troca casual de um periódico, o encontro providencial com um colportor, uma correspondência que atravessa milhares de quilômetros num sistema postal precário –, acabam vinculados à obra organizada meses ou anos depois. A repetição desse padrão, em circunstâncias de escassez de recursos tão severas quanto as descritas neste artigo, sustenta a leitura de que a expansão adventista no Nordeste brasileiro, em sua fase pioneira, não decorreu primordialmente de planejamento e investimento institucional – que praticamente inexistiam –, mas de uma condução que ultrapassa a explicação puramente administrativa dos fatos.

8. Considerações Finais

A quase 120 anos de distância do batismo realizado em 2 de outubro de 1907, o significado do episódio permanece o mesmo que os protagonistas lhe atribuíram: evidência concreta de que a expansão da obra adventista no Nordeste do Brasil não dependeu, em sua fase inicial, tanto dos extremamente escassos recursos humanos ou institucionais da época quanto de uma condução providencial que superou, de modo documentável, limitações como a existência de um único pastor para dezesseis estados, a enorme taxa de analfabetismo, as distâncias logísticas continentais e uma rede de contato sustentada, em última instância, pela iniciativa individual de um leigo e pela circulação fortuita de um periódico trocado numa feira de rua.

Como já indicado, este caso não é isolado. Pesquisa em andamento do autor sobre outros estados nordestinos aponta para a recorrência desse mesmo padrão – descoberta autônoma seguida de provisão providencial de contato institucional – ao longo da fase pioneira da expansão adventista na região, o que sugere tratar-se de um fenômeno documentável em escala regional, e não de uma ocorrência isolada em Santo Antônio de Jesus. Fica como agenda de pesquisa futura o tratamento comparativo sistemático desses casos, de modo a consolidar, com o rigor documental que a historiografia exige, o registro desse padrão providencial na história do adventismo brasileiro. Recomenda-se, complementarmente, aprofundar a investigação biográfica sobre Camilo José Pereira – a despeito de sua breve vida –, segundo obreiro da Missão Norte Brasileira, cuja trajetória permanece pouco documentada na literatura consultada.

Referências

CHRISTIANINI, A. B. (Org.). Comemoração dos 75 Anos da Obra de Publicações no Brasil [Encarte Especial]. **Revista Adventista**, jul. 1975.

FERRARO, A. R. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? **Educação & Sociedade**, dez. 2002, p. 21-47.

LIPKE, J. Our Industrial School in Taquary, Brazil. **Review and Herald**, 6 jun. 1907a, p. 29.

- LIPKE, J. The Rio Grande do Sul Conference. **Review and Herald**, 19 dez. 1907b, p. 14.
- LIPKE, J. The East Brazil Mission. **General Conference Bulletin**, 1 jun. 1913, p. 215-216.
- OLSEN, M. E. **A History of the Origin and Progress of Seventh-day Adventists**. Washington, DC: Review and Herald, 1926.
- ROGERS, H. E. Statistical Report of Seventh-day Adventist Conferences and Missions for the Year Ending December 31, 1906. **Review and Herald**, 19 set. 1907, p. 14-16.
- Santo Antônio de Jesus. **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Acesso em: 30 ago. 2007.
- SPICER, W. A. Belting a Continent. **Review and Herald**, 16 ago. 1906, p. 4.
- SPICER, W. A. The General Conference Committee Council at Gland, Switzerland. **Review and Herald**, 4 jul. 1907a, p. 5.
- SPICER, W. A. The Year in the Mission Fields, **Review and Herald**, 21 nov. 1907b, 16.
- SPIES, F. W. North Brazil Mission. **Review and Herald**, 20 dez. 1906, p. 17.
- SPIES, F. W. A Missão Brasileira do Norte. **Revista Adventista**, jan. 1907b, p. 2.
- SPIES, F. W. Another Worker in the North Brazil Mission. **Review and Herald**, 19 set. 1907b, p. 19.
- SPIES, F. W. North Brazil Mission. **Review and Herald**, 7 nov. 1907c, p. 16.
- SPIES, F. W. A Needy Field in Brazil. **Review and Herald**, 26 dez. 1907d, p. 15.
- SPIES, F. W. Viagem à Bahia. **Revista Adventista**, jan. 1908a, p. 4.
- SPIES, F. W. Missão Norte Brasileira. **Revista Adventista**, fev. 1908b, p. 6.
- SPIES, F. W. Bahia, Brazil. **Review and Herald**, 13 fev. 1908c, p. 16.
- SPIES, F. W. Bahia, Brazil. **The Present Truth**, 27 fev. 1908d, p. 155-156.
- SPIES, F. W. Obituário de Camillo José Pereira. **Review and Herald**, 8 jan. 1914, p. 46.
- SPIES, F. W. How the Sabbath Truth Gained Its First Adherent in Bahia. **Missions Quarterly**, abr.-jun. 1916, p. 20.
- STREITHORST, G. Bahia – The Home of Brazil, **South American Bulletin**, jan. 1939, 7.

WESTPHAL, J. South America. **Review and Herald**, 31 dez. 1901, p. 852.

WESTPHAL, J. The South American Union Conference. **Review and Herald**, 24 mai. 1906, p. 14.